

Gilles Deleuze: questão de heranças, ressuscitar o comunismo

VLADIMIR MOREIRA LIMA¹

“A questão das minorias é antes abater o capitalismo, redefinir o socialismo, constituir uma máquina de guerra capaz de responder à máquina de guerra mundial, com outros meios” (Deleuze e Guattari).

“Herdar, quantos sentidos para essa palavra! Podemos herdar sem saber o que herdamos ou sem termos o menor pudor – ou então pensando sermos capazes de fazer tábula rasa. Podemos também incitar alguns para que herdem – por exemplo, herdar de nossos ancestrais os gauleses – ou tentar persuadi-los de que a herança à qual se ligam nada mais é do que um peso que os paralisa. Podemos ainda elevar o que herdamos ao estatuto de patrimônio da humanidade – nossa tarefa, assim, consistirá em fazer com que todos os humanos desta terra herdem...” (Stengers).

Não é nada evidente a vontade que nos leva a celebrar uma vida, uma obra. E devem existir muitos jeitos para muitos casos. Celebrar uma obra como uma conquista, como um progresso de todos reflete a baixeza do universalismo. Ou ainda como um patrimônio em que é possível sempre sacar uma pequena renda (diretamente monetária ou não). Na academia, como na internet, as homenagens são ocasiões perfeitas para que os homenageantes sejam os verdadeiros homenageados.

Arriscarei colocar a questão da celebração a partir do problema da herança que ela implica. Celebrar sem o tom festivo de um final feliz. Um pouco com a sensação de que o morto estará em paz se aquilo que ele deixou está tendo um bom uso. Feliz ou infelizmente, cada um vai fazer o que puder. Trata-se de uma questão de herança. Mais especificamente, um problema sobre como herdar.

Deleuze deixou uma obra. Mas aqui me interessarei sobretudo pelo movimento do seu pensamento – talvez o que Deleuze chamaria de estilo. Não

¹ É doutor em filosofia (UFRJ) e professor adjunto de filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3189-0686>. Email: vladub77@gmail.com

apenas o que pensou. Em primeiro plano, como pensou. Como herdar, portanto, como Deleuze pensou. E, sem dúvida, como pensou através do que pensou.

A palavra herança pode gerar excessiva desconfiança. Não é o caso, aqui, de defini-la de uma vez por todas, seus limites (ou a inexistência deles), seus cercados e seus proprietários. Como herdar é um problema que implica uma multiplicidade de práticas e versões possíveis. É uma comunidade problemática. Na bela formulação de Vinciane Despret (2011, p. 81), “uma herança só passa a ter sentido na sua realização, no fato de ressuscitar: uma herança ressuscita”. E ressuscita em um duplo sentido: consiste em reativar uma vida; a própria herança motiva alguma coisa no mundo.

Há uma ideia em Deleuze, enunciada e dramatizada de diversas maneiras ao longo de sua obra, que me parece estar sempre agindo nas suas criações conceituais, na construção de seus problemas e nas alianças compostas com outros criadores, sejam eles artistas, cientistas, movimentos minoritários, povos em luta... É ela que, indo em várias direções, determina como Deleuze pensou. A formulação que explicitarei aparece em certo momento de sua obra. Mas creio não ser incoerente dizer que ela age desde o início. Trata-se da ideia de que a resistência é primeira. Deleuze diz também: o primado das linhas de fuga. O convite é: dada uma sociedade, um grupo, um agenciamento, considere-o a partir do que lhe escapa. Qual é a aposta? O que pode essa ideia?

Primeira dobra da questão de heranças. Para aquelas e aqueles que se situam no mundo também como herdeiros da tradição socialista, essa ideia é, no mínimo, um convite para mudar a sensibilidade de direção: pensar lá onde não há razoabilidade, meio termo, justa medida, segurança, garantia, paraíso... Quais são os efeitos de uma análise do capitalismo e, sobretudo, da resistência que a considerasse como tendo o primado? Primado, aqui, acrescento, não define um tempo da ordem cronológica. Primado é aquilo que importa pensar. Aquilo que vem primeiro. É um critério axiológico e vital. O que isso poderia impactar na invenção de novos modos de luta anticapitalistas? A começar pela possibilidade mesma de se tornar sensível às práticas de resistência que estão em curso e sequer são percebidas, uma vez que hegemonicamente foi suposto que a boa direção surge com o esclarecimento, isto é, quando se livra (normalmente os

outros) das amarras do poder, da ideologia... E se o primado do poder e da ideologia como determinantes nas maneiras de ser for o que deve ser posto em suspensão?

Essa ideia vai na contra-mão do paradigma messiânico, iluminista, vanguardista e desqualificador que também – ainda que não apenas – forma a tradição socialista: prenhes da verdade da História, definindo as massas como massas e estas como ignorantes que precisam ser esclarecidas e conscientizadas (de modo mais ou menos violento), conhecendo o caminho único para a destruição do capitalismo ou o da sua gestão supostamente civilizada... Em suma: o acontecimento da resistência não vem depois da opressão, conduzido, organizado e validado segundo critérios universais. Monta-se um programa que organicamente homogeneíza lá onde é aplicado. Por outro lado, nenhuma apologia ao espontaneísmo e ao otimismo ingênuo. Como se sabe, alternativas pré-estabelecidas por aqueles que colocam o problema sobre as bases do iluminismo, do vanguardismo e do centralismo.

O que muda, isto é, que problemas se abrem, quando o acontecimento da resistência é primeiro? Primeira implicação: possuímos boas ferramentas para nos tornarmos – nós que reeindicamos esta herança – sensíveis para os heterogêneos e muitas vezes heteróclitos, divergentes, modos de sentir, pensar e viver que por nós poderiam ser vistos como resistência? Não apenas contra algo, mas ativamente indiferente para os jogos da sociologia e da história, como um ato de criação? Segunda implicação: como manter essa heterogeneidade? Como não exigir adequação? Como, enfim, criar meios de conexão? Um diagrama e não um programa. Uma composição que respeita o que importa para os meios de vida que se por uma razão ou outra se encontram sempre de modo contingencial.

E no entanto é a partir do primado da resistência que o próprio Deleuze herda essa tradição. A ressuscita do seu jeito. Como continuar com ela, subtraindo o universalismo? O primado da resistência é adicionado. É ele quem ressuscita e reativa: o modo pelo qual Deleuze enfrentou a questão de como herdar essa herança.

O primado da resistência é o décimo segundo camelo do pensamento de Deleuze se tomarmos como referência a famosa parábola recontada por Vinciane

Despret e Isabelle Stengers (2011, pp. 63-67) em *Les faiseuses d'histoires: que font les femmes à la pensée?*. Existem três herdeiros que receberam de herança onze camelos. Mas a herança veio com uma condição, ela se transmite com uma vontade: metade da herança é para o filho mais velho, a quarta parte para o filho do meio e a sexta parte para o filho mais novo. Seria impossível realizar, uma vez que cinco camelos e meio iriam para o filho mais velho, dois vírgula setenta e cinco camelos iriam para o filho do meio e um vírgula oitenta e três camelos para o mais novo. Daí eles consultam um sábio, um velho beduíno que empresta um camelo magro e velho para eles. Eles refazem a repartição: o filho mais velho fica com seis camelos, o filho do meio com três e o mais novo com dois camelos. Sobra um camelo que eles devolvem para o sábio. “O décimo segundo camelo não é a solução”, comenta Stengers. “Os filhos não herdaram apenas os onze camelos. Por terem ido consultar o sábio, eles se tornaram herdeiros de um problema e definiram a herança a partir desse problema”. A conta fecha!? Tem-se um novo problema.

O primado da resistência ressuscita a herança comunista. “Um comunismo da imanência”, para utilizar a belíssima formulação de Félix Guattari (2013, p. 298), que “levará constantemente o cursor para as práxis ético-políticas que suportam seus próprios universos de referência”. Guattari diz isso em 1990. Mesmo ano em que Deleuze (2010, p. 216), ao mesmo entrevistador, afirmava: “Creio que Félix Guattari e eu, talvez de maneiras diferentes, continuamos ambos marxistas”.

Durante muito tempo o pensamento deleuzeano foi afastado da política socialista. Os meios militantes, falo do Brasil mas não só, rapidamente o enquadraram como pós-modernos, reformistas e até mesmo liberais. Nada mais curioso, ainda nos anos 70, a história que contava Michel Foucault na ocasião de um diálogo com Deleuze (2002, p. 265) sobre a relação entre os intelectuais e o poder: “Um maoísta me dizia: ‘Compreendo porque Sartre está conosco, porque e em que sentido ele faz política; quanto a você, rigorosamente falando, eu compreendo um pouco: você sempre colocou o problema da reclusão. Mas Deleuze, verdadeiramente eu não compreendo’”.

Também é extremamente ilustrativa a acusação de Alain Badiou (2017, s/p), em 1977, afirmando que Deleuze e Guattari são “anti-marxistas” e “ideólogos pré-fascistas”. Sem dialética, sem o primado da História, como poderiam ser marxistas? Sem desejo de Unidade?! Seja ela a do Estado, da História, do Partido... Eis aí, de fato, uma acusação através da qual se insinua um problema crucial: como pensar e agir, como lutar, prescindindo de todos estes dispositivos que sustentam os universais? Badiou (2010, 18), tempos depois, já no século XXI, abaixa o tom. Diz apenas que não há política em Deleuze, só uma ética. Pode-se mencionar também, mais recentemente, as considerações de Maurizio Lazzarato (2020, s/p). Deleuze é inserido em um conjunto de pensadores que não foi capaz de renovar o conceito de luta de classe. A distinção entre devir-revolucionário e Revolução é considerada como “nefasta”. Como se os devires-revolucionários estivessem circunscritos a casos esporádicos, particulares e limitados. Já a Revolução, por sua vez, como conquista do Estado, diria respeito uniformemente a todos, colocaria um ponto final em todos os problemas e chegaria enfim o dia em que se poderá dormir em paz.

716

Interessante também observar que de uns tempos para cá surgiu uma espécie de defesa da presença da política e a afirmação da configuração marxista do pensamento de Deleuze. Para falar em termos deleuzenanos, não poucas vezes, porém, encontramos uma reterritorialização dura dos movimentos de desterritorialização desencadeados por Deleuze. Neste caso ao menos, reconhecer e identificar semelhanças são modos empobrecidos de situar ou re-situair alguém em relação a uma herança ou tradição. Perde-se, justamente, as bifurcações, prolongamentos, singularizações, enfim, os devires da herança comunista que se instauram no pensamento de Deleuze. Contra aqueles que negam a existência de uma política revolucionária do proletariado e enxergam em Deleuze um pós-moderno que despreza o proletariado como motor capaz de transformar a sociedade, mostrou-se como, a despeito de um vocabulário inusitado, subjaz a Classe e a Revolução de modo semelhante aquele definido pela hegemonia marxista. Guillaume Sibertin-Blanc (2010), por exemplo, reconduz as possibilidades das minorias e, principalmente, dos devires-minoritários aos universais do proletariado. Quando, talvez, seja justamente essa

concepção do primado das linhas de fuga e da resistência, nascida ela mesma de uma cartografia do que podem as minorias, aquilo que relança a luta de classes e o movimento dos trabalhadores em práticas revolucionárias, isto é, em devires-revolucionários. Em *Diferença e repetição*, Deleuze (2006, p. 373) já afirmava que a “contradição não é a arma do proletariado, mas a maneira pela qual a burguesia se defende e se conserva, a sombra atrás da qual ela mantém sua pretensão de decidir os problemas”. E se o proletariado não se opusesse dialeticamente, mas afirmasse sua irreduzível diferença com a burguesia? “Só há uma classe com vocação universalista, a burguesia”, como escreveram Deleuze e Guattari (2010, pp. 336-338) em *O anti-Édipo*. Há uma classe apenas, a burguesia. E há também os “fora-da-classe”.

E esse relançamento ocorre porque, levando a sério a força do que fazem as minorias, a resistência se torna indiscernível do ato de viver singularmente. Uma atividade de ressingularização contínua – como todos os desafios e perigos de interrupções imanentes. Há uma indiferença ativa. Uma intempestividade para os jogos da História. Há, principalmente, a sustentação de um desejo e de um modo de existência em que não há espaço para o universalismo que fundamenta todo fato majoritário cujas maiorias tiram seu poder.

Foram Phillipe Pignarre e Isabelle Stengers que formularam isto de maneira mais precisa. Permito-me citar integralmente esta passagem e destacá-la:

A maioria, aqui, não passa pelo número. Um grupo pode ser minúsculo e majoritário, basta que os temas que ele propõe sejam definidos “de direito” válido para todos. Correlativamente, se isso que Deleuze e Guattari chamam minoria não sonha em se tornar majoritária, não é porque ela cultivaria egoisticamente sua particularidade, *mas porque aqueles e aquelas que pertencem a essa minoria conhecem o vínculo entre pertencimento e devir* [...] Aquelas e aqueles que conheceram um devir-alpinista ou matemático não sonham com um mundo povoado de alpinistas e matemáticos. Se eles pensam nos outros, são sempre outras minorias com as quais conexões seriam possíveis, encontros e alianças que não homogeneizam o heterogêneo mas dão a cada um novas potências de agir e imaginar. De fabular (Pignarre e Stengers, 2007, p. 146).

Vínculos, pertencimentos... Não poucas vezes assistimos a tradição marxista brindar as taças com o progresso moderno, ocidental e capitalista. Desfazendo

tudo aquilo que supostamente aprisiona a humanidade em sua condição singular, enfim ela poderia atingir a liberdade. A velha lição hegeliana subjaz: a história como tribunal do tempo só julga no final. E no final veremos a humanidade livre de suas singularidades. Mas depois da devastação capitalista de todos os valores que não são o do capital, depois do triunfo da equivalência generalizada, tudo aquilo que difrata a multiplicidade de meios heterogêneos de viver, o que surge não parece ser a liberdade. Mas mais devastação. Terra arrasada.

O primado da resistência grita também: o poder dominante é irrisório. Justamente por isso não menos grandioso e obsessivo. Mas aquelas e aqueles que conhecem o vínculo entre pertencimento e devir souberam e sabem, a despeito das catástrofes mais violentas que sustentam a fraqueza deste mundo, alimentar o primado de suas linhas de fuga. Herdar e variar para permanecer incapturável.

Subtrair os universalismos do marxismo. O que se constituiria? Poderíamos parafrasear o *Comitê Invisível* (2014, p. 233) que, ao seu modo, produziu o que produziu permanecendo com o problema próprio da herança deleuzeana no seu gesto de ressuscitar o comunismo: pensar como aquelas e aqueles que ativam o pensamento de Deleuze podem se tornar políglotas diante da multiplicidade de expressões daquilo que *este nós* chama de resistência.

Essa ideia, aliás, esse gesto, essa atitude, pragmática e especulativa, só pode considerar a transformação do mundo na medida em que o mundo minoritário, das fugas e resistências, força o pensamento e a criação política a bifurcar em direções desconhecidas e inauditas. “Nesse sentido eu sou uma Marxista — o ponto é ‘transformar o mundo, não interpretá-lo’, mas acrescento que isso implica que o mundo também tenha o poder de nos transformar, de ‘forçar’ nosso pensamento”, como escreveu Stengers (2008, p. 57). Uma formulação exuberante para ajudar a cultivar, alimentar, recriar e criar o que poderia ser um comunismo da imanência – pensar com Deleuze.

Referências

BADIOU, Alain. *O fascismo da batata*. Disponível em <https://www.lavrapalavra.com/2017/02/24/o-fascismo-da-batata/>. 2017.

BADIOU, Alain. *Existe-t-il quelque chose comme une politique deleuzienne?* In : Revue Cités 40: *Deleuze politique*. Paris: PUF, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Ed. Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2010.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DESPRET, Vinciane. *Acabando com o luto, pensando com os mortos*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 23 – n. 1, p. 73-82, Jan./Abr. 2011.

DESPRET, Vinciane e STENGERS, Isabelle. *Les faiseuses d'histoires: que font les femmes à la pensée?* Paris: La Découvert, 2011.

GUATTARI, Félix. *Qu'est-ce que l'écophilosophie?* Paris: Lignes, 2013.

INVISIBLE, Comité. *A nos amis*. Paris: La fabrique, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. *Lazzarato acha a Revolução onde Foucault a perdeu*. Disponível em <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-encontro-da-revolucao-onde-foucault-a-perdeu/>. 2020.

PIGNARRE, Phillipe e STENGERS, Isabelle. *La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: La Découverte, 2007

SIBERTIN-BLANC, Guillaume. Deleuze et les minorités: quelle “politique”? In: Revue Cités 40: *Deleuze politique*. Paris: PUF, 2009.

STENGERS, Isabelle. *Experimenting with Refrains: Subjectivity and the Challenge of Escaping Modern Dualism*. Subjectivity 22, 38-59, 2008.

Submissão: 30. 06. 2025

/

Aceite: 11. 07. 2025